

	<i>Colégio Estadual Dr. Eduardo Bahiana</i>	
	<i>Data:</i> _____ / _____ / _____	<i>Turma:</i> _____
	<i>Aluno:</i> _____	
	<i>Professor:</i> Manuel Antonio	
	<i>Disciplina:</i> Filosofia	

Resumo da 9^a Lista de Exercícios – 3º Ano

Filosofias de Horkheimer e Marcuse

MAX HORKHEIMER (1895-1973)

Filósofos tais como os representantes da Escola de Frankfurt (Horkheimer, Adorno, Benjamin, Marcuse) analisam a crise da razão contemporânea, o "eclipse da razão", e, visando evitar os irracionalismos, desenvolvem o trabalho de recuperação da razão não repressora, capaz de autocrítica e que esteja a serviço da emancipação humana.

Conforme Adorno e Horkheimer, a "indústria cultural" iguala e equipara a individualidade e a escolha das pessoas.

A produção cultural enquanto produção mercadológica, dinâmica que implica a transformação da arte em uma mercadoria efêmera e espetacularizada, minimizando, dessa forma, seu potencial comunicativo de modo a atender a lógica de consumo característica do Capitalismo.

A tendência da "indústria cultural" conforme os pensadores, tem com objetivo principal a obtenção do lucro, fazendo dessa forma que a preocupação maior seja a de reprodução(cópia; fabricação em série) com mínimo de criatividade.

A indústria cultural" está relacionada com a forma de se produzir e consumir os produtos culturais de forma massificada e acrítica (instrumentos de alienação e de dominação), seguindo a lógica fetichizada do mercado (conversão da cultura em mercadoria).

HERBERT MARCUSE (1898 -1979)

"Dispomos de inúmeras opções e inúmeros inventos que são todos da mesma espécie, que as mantêm ocupadas e distraem nossa atenção do verdadeiro problema, que é a consciência de que poderiam trabalhar menos e determinar suas próprias necessidades e satisfações."

Herbert Marcuse, filósofo alemão, 1955

Marcuse aproxima Marx de Freud, relacionando a repressão social com a repressão sexual, seu pensamento tendo grande repercussão nos movimentos libertários do final da década de 1960 nos Estados Unidos e na Europa;

Marcuse concebia que o trabalho alienado "tinha retirado o prazer" do ambiente humano, e esta foi a condição de se manter a produção e a eficiência. Assim, a canalização dos instintos para os prazeres proporciona a "desordem" e a "improdutividade" acabe prejudicando a "boa ordem" do trabalho e extravase os limites permitidos."

A liberdade verdadeira do indivíduo, para Marcuse, só ocorre quando ele toma consciência de sua real situação dentro da sociedade de consumo e começa a fazer suas próprias escolhas, baseadas em "suas próprias necessidades e satisfações", liberando-se.

Na visão de Marcuse, o progresso técnico funciona como uma mola propulsora onde reproduzimos e vemos reproduzidos os ideais que sustentam o consumo e a sociedade que se baseia nele.

Para Marcuse, a perpetuação do desenvolvimento tecno-científico a serviço da dominação e da homogeneização dos indivíduos na sociedade de massa criará o "homem unidimensional", incapaz de criticar a opressão e construir alternativas futuras.

O unidimensionalíssimo do homem está intimamente vinculado com o conceito de indústria cultural (que se refere à indústria da diversão vulgar, veiculada por televisão, rádio, revistas, jornais, músicas, propagandas etc., que leva à homogeneização dos comportamentos, à massificação das pessoas) e o poderio dos meios de comunicação

Segundo a análise de Marcuse, as exigências da nova ordem de trabalho provocam uma super-repressão, que se acha intimamente ligada ao princípio de desempenho, segundo o qual o trabalhador interioriza a necessidade de rendimento, de produtividade, preenchendo funções preestabelecidas e organizadas em um sistema cujo funcionamento se dá independentemente da participação consciente de cada um.

De acordo com a linha teórica de Marcuse, nossas formas de conviver, e inclusive nossos sentimentos, estão de acordo com a ordem socioeconômica à qual estamos submetidos. Assim, é ideológico pensar a liberdade individual desconsiderando essa relação.

A tese de Marcuse revela algo que libera a obra de arte é muito mais subversiva quando está próxima da libertação e quando favorece a liberdade do artista e do homem.

Os teóricos da Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse etc.) argumentavam que a dissolução do indivíduo autônomo fez-se graças à proeminência da racionalidade técnica do mundo moderno, que destruiu a subjetividade do homem através da indústria cultural.

Chauí, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática. 1997. p. 115

Cotrim, Gilberto. Fundamentos de filosofia / Gilberto Cotrim, Mirna Fernandes. -- 4. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2016.

WEB. **Super Professor®Web**. Disponível em:<https://www.sprweb.com.br/mod_app/index.php> Acesso em 14/05/2020.

ARANHA e MARTINS, M. L. de A. e M.H. P. Filosofando, Introdução à Filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

(II. Marcuse, A Ideologia da sociedade industrial, p. 83.)

Marcondes, Danilo. Iniciação à história da filosofia . Zahar. Edição do Kindle.

(Uel 2008)